

conferência

O corpo sexuado do *parlêtre*¹

Marc Strauss

Parte 1: A diferença do sexo e o inconsciente

Bom dia a todos e obrigado aos colegas do Campo Lacaniano de São Paulo. Obrigado por terem se mobilizado tão cedo num sábado de manhã. Sabemos que muitos de nós trabalhamos até mais tarde na noite passada. Então, hoje vamos falar do corpo sexuado e do que isto implica à psicanálise. Vou tentar colocar alguns pontos fundamentais, em outras palavras, de forma freudiana.

Freud acentua muito essa presença da sexualidade na vida do ser humano. O problema é que ele não determina exatamente o que chama de sexualidade. O que ele chama de sexualidade é a libido, é a libidinização geral do corpo e da relação com o Outro. Tudo toma um significado libidinal e parece-me que, de repente, uma questão que fica é se o que é libidinal é propriamente genital, se podemos dizer propriamente qual seria a especificidade da genitalidade em relação à libido.

Parece-me que Lacan, na maior parte de seu ensino, é essencialmente freudiano. Ele não se interessa pela satisfação sexual, propriamente falando. Foi preciso esperar algum tempo em seu ensinamento para que ele se interessasse e desse lugar particular para o encontro sexual. Vou tentar ser um pouco mais preciso.

Vamos seguir um pouco nesse mesmo caminho, vamos ver então por que não haveria para o ser falante essa genitalidade em si mesma, por ela mesma. Essa diferença de sexo, como vocês sabem, só existe a partir da problemática fálica: a partir da castração e da presença ou da ausência do falo. O corpo lacaniano e freudiano está submetido a esse modo de satisfação do “aparelho psíquico”. E não haveria uma satisfação corporal que valesse por si mesma, separada das suas representações. Sabemos o lugar que Freud dedica às primeiras excitações da criança: é um lugar de enigma, de interrogação.

Todos esses artigos de Freud sobre a vida sexual infantil, justamente consistem em nos mostrar como diante da excitação de seu corpo, da manifestação sexual de seu corpo, o sujeito não se contenta apenas, como um macaco, em satisfazê-lo, mas, ao contrário, o sujeito se interroga: o que é isso? Esse encontro com essa excitação tem mais um efeito de elaboração de saber do que de satisfação. A satisfação está mais ligada a esse elemento de saber do que à sua própria atividade física. Essa excitação física não é,

¹ Conferências pronunciadas em São Paulo, no Seminário “O corpo sexuado do *parlêtre*” organizado pelo FCL-SP em 2006.

logo de início, um prazer. Ela não vale por si mesma, é preciso toda uma construção que dará um significado a essa excitação, para que isso possa permitir ao sujeito encontrar essa satisfação. Aqueles que tiveram a oportunidade de observar o sujeito autista sabem que há autistas masturbadores que passam o dia em manipulação de seus órgãos genitais, e não é para se satisfazer que eles fazem isso. É algo de compulsivo, que não tem início nem fim e, evidentemente, isso não é para satisfação.

O que permite ao ser falante a satisfação é o que chamei de aparelho psíquico e, mais precisamente, a fantasia. A fantasia que se torna suporte do desejo, que dá uma significação às manifestações corporais e que permite ao sujeito reconhecer-se naquilo que está acontecendo com seu corpo e, ao mesmo tempo, se satisfazer. Isso é freudiano e lacaniano. Uma grande parte do trabalho de Lacan consistiu justamente em determinar o que é essa fantasia: como essa falta de ser produzida pelo significante, como o S barrado que é o sujeito, é articulada a esse pedaço de corpo, a fim de construir sua fantasia. Fantasia que vai permitir que ele se sustente nas suas identificações, na sua relação com o Outro e na sua relação com o sexo.

Parece-me que tanto em Lacan quanto em Freud, durante muito tempo, a questão da aplicação da fantasia à vida genital ficou muito tempo submersa no conjunto. A fantasia é o que sustenta a relação do sujeito com a sua imagem, sua relação com o outro (semelhante), sua relação com o Outro (aquele que é investido de amor e do qual o sujeito espera amor) e sua relação com o parceiro sexual. A fantasia é o organizador de todas essas relações, incluindo a relação sexual. O que não responde à pergunta a respeito de qual seria a especificidade da relação sexual em comparação às outras relações; se a relação sexual não seria, como Lacan dizia, um campo privilegiado no qual justamente a fantasia se coloca em cena, ela passa a agir na cena sexual.

O que fica, essencialmente, desses ensinamentos de Freud e Lacan é isso, e é isso o essencial da prática analítica. Vou utilizar um caso de Freud. Como disse, o essencial da prática analítica, o essencial primeiro, em termos quantitativos, é a elucidação da fantasia, e, finalmente, esse lado libidinal do sujeito, sua relação à castração. Mas a questão do lugar da genitalidade continua sendo secundária. As questões sobre o que é a especificidade masculina e feminina, de um gozo masculino e gozo feminino e eventualmente uma conclusão dos efeitos da análise para os homens e para as mulheres, todas essas são questões relativamente tardias em Lacan.

Para respeitar o plano que eu havia elaborado, vamos falar primeiro um pouco desse corpo enquanto imagem. Esse não é o corpo enquanto está ali implicado como parte, como pedaço, como uma fantasia. Também não é só o corpo que sente o gozo, que o interro-

ga, que o faz questionar. O corpo imaginário é o corpo do espelho, é o corpo investido narcisicamente, que pode ser objeto de muitas paixões do sujeito, mas que finalmente tem muito pouco espaço na prática analítica. Se ele intervém, sabemos, é pelo sintoma histórico, sintoma de conversão que, é verdade, é cada vez mais raro. Charcot já observava que as perturbações de conversão histórica — a paralisia, particularmente — respondiam a essa imagem do corpo, a esse pedaço do corpo e a sua representação, a sua imagem e não à realidade anatômica de traço nervoso — o que fazia que se dissesse que as históricas eram simuladoras. E era então através de uma parte do corpo que se manifestava a conversão, principalmente quando era por meio de paralisia.

Falo disso porque encontrei apenas um caso dessas conversões bem no início de minha carreira, e isso deixou uma lembrança inesquecível que ilustra bem como o significante comanda a imagem do corpo. É a história de um jovem de 25 anos a respeito de quem os colegas de neurologia do hospital *Salpêtrière* me haviam telefonado. Eu era interno e eles me telefonaram para me perguntar se eu entendia desses casos que pareciam ser de paralisia psicológica. Eu pedi mais dados, dados mais precisos. Disseram-me, então, que era um homem de vinte e cinco anos que tinha hemiplegia, tinha metade do corpo paralisada e que tinha sido hospitalizado e durante três semanas fez todos os tipos de exames possíveis. Exames pesados tipo arteriografia nas quatro artérias do cérebro, e nada havia sido encontrado; então eles desconfiaram de uma causa psicológica. Ele veio a mim, chegou de ambulância, foi transportado em uma maca e gritando que não era louco. Eu disse a ele que sabia que não era louco, e o encorajei a falar um pouco. Ele me explicou que aquela paralisia estava ocorrendo no momento errado, não era para acontecer aquilo. Ela aconteceu justamente no momento em que ele estava saindo da prisão. Ele tinha sido preso por um roubo de mobilete, nada muito grave. E na prisão ele encontrou uma assistente social e tinha se apaixonado por ela. Eles tinham planejado se casar quando ele saísse da prisão. Claro que a assistente social com 30 anos a mais que ele poderia ser um problema, um problema para os outros. Mas não para ele nem para ela. O amor é mais forte que os preconceitos. Eles se amavam. Vocês riem, eu também ri, é o lado cômico do amor. Lacan diz é o cômico da psicose, desse lado é preciso ser um pouco louco. Então, eu respondi que apesar de todos os seus protestos, todas as suas manifestações de sinceridade, ele me parecia apenas meio decidido, meio decidido a encontrar sua terna metade.

O outro do casal amoroso, em francês, nós chamamos de terna metade, cara metade. É uma expressão um pouco obsoleta, os jovens não falam mais assim, mas na época ainda passava. Então, eu queria dizer isso jogando bastante com o significante, essa metade,

meio e sua hemiplegia. Eu mal havia terminado minha frase, ele se levantou feito um diabo de sua maca, saiu do consultório batendo a porta e me xingando. Uma cura milagrosa. Uma interpretação de grande feiticeiro, eles disseram em *Salpetriere*. *A posteriori*, tenho mais críticas a me fazer. Primeiro, me disseram que apesar de ele estar curado, eu não poderia tê-lo deixado sair do hospital. E, no tempo de dar uma saída para almoçar e voltar ao trabalho, nesse meio tempo, sua cara metade veio visitá-lo, constatou que ele estava curado e — como boa assistente social — o aconselhou a sair, a se retirar daqueles cuidados médicos. Então, quando voltei do almoço, não tinha mais paciente. Não sei o que aconteceu com ele, nem o que aconteceu com aquela história de amor, mas o que eu sei é que ele não aprendeu nada daquele seu sintoma. Ao contrário, do ponto de vista médico, talvez tenha sido uma cura milagrosa, mas do ponto de vista psicanalítico, foi um fracasso completo. Não houve nenhuma elaboração, nenhuma significação do sintoma, não houve nenhum questionamento por parte do sujeito sobre o que aquele sintoma poderia conter de verdade. Mas eu pude constatar nessa experiência como o corpo pode responder ao significante e como o sintoma histórico é um sintoma significante, o que confirma o que diziam Freud e Lacan. Esse é, então, o lado imaginário do corpo.

Para falar um pouco mais sobre essa vertente imaginária do corpo, podemos remeter à neurose e à psicose no aspecto do corpo despedaçado. Enquanto na neurose há ilusão de uma unidade do eu — digo ilusão porque essa compreensão de unidade se deve ao Outro simbólico —, enquanto na psicose, a unidade é sempre extremamente frágil, justamente porque ela está ligada só à imagem e não ao Outro do desejo. Então, qualquer acontecimento na psicose, a mínima coisa, pode conduzir ao que Lacan chamou a regressão tópica ao estádio do espelho. A psicose tem então esse fenômeno de despedaçamento imaginário, e meu melhor exemplo é ainda nesse mesmo serviço de psiquiatria. Houve um estagiário de algum setor querendo fazer bem o seu trabalho, e então ele levava os doentes à piscina. Havia um psicótico que, obviamente, sabia nadar. Mas, no momento de entrar na piscina, ele afundou como uma pedra. Ele foi buscado no fundo, o enxugaram e levaram ao hospital e lhe perguntaram: você não sabe nadar? Ele respondeu: “Claro que eu sei nadar! Mas desde que, durante a noite, ele vem e transforma meu corpo e coloca tubos entre o nariz, a orelha, o sexo e o ânus, é normal que quando me colocuem na água eu me encha de água. Então, é normal que eu afunde”. Esse é o corpo imaginário onde não há essa superfície da ilusão do eu.

Nos dois casos, do hemiplégico e nesse segundo, isso é determinado pelo simbólico. Lacan entrou no campo da psicanálise por meio disso com a sua invenção do estádio do espelho, mostrando

como o corpo é primeiramente uma imagem, uma imagem produzida, ou seja, um efeito do simbólico. Não há autonomia da imagem, mas a imagem revela o que acontece no nível da estrutura. Ou seja: ou há o Outro simbólico — aquele que é vinculado com o desejo — e um investimento narcísico da imagem do corpo, ou então é o Outro de uma identificação imaginária, outro fragmentado da psicose, que é sempre ameaçado de perder sua unidade. Não há, na clínica da psicose, casos com algo da ordem do despedaçamento do corpo que não façam o sujeito passar por algo muito desagradável realmente. E, na clínica, vemos como o psicótico inventa uma forma de aparelhar seu corpo para que ele não se despedace, não vá uma parte para cada lado. O dispositivo criado varia de um sujeito para outro: pode ir desde o apelo ao haxixe, ao álcool, a alguma droga, até o fato de colar um pedaço de papel no ânus. Já vi um paciente que se mantinha na existência através de um dispositivo como esse. Ele colocava em seu ânus um pedaço de papel aderente. Isso evitava que os maus espíritos pudessem penetrá-lo e assim ele podia estar em paz, viver tranquilamente, fazer o que ele tinha que fazer em sua vida: se levantar, tomar seu banho, se vestir, ir trabalhar. Mas, se por algum motivo, aquele pedaço de papel faltasse, era um pânico terrível. Então ele tinha que verificar a cada momento se o papel estava no lugar certo. Mas isso permitia que ele suportasse.

Vocês veem que a genitalidade, nesse corpo imaginário, está um pouco fora do jogo, seja na neurose — no investimento narcísico dessa imagem do corpo — ou na psicose — com essa explosão desse despedaçamento. Lacan insistia desde o início nesse controle do estádio do espelho que permite a unificação da imagem, e nesse domínio há algo que escapa, que é justamente a zona genital, esta não é dominável.

Há toda uma construção para se determinar onde fica a elaboração da imagem narcísica do corpo e o corpo como satisfação. E no trabalho clínico da vida cotidiana são essas questões que podemos nos fazer sobre a sexualidade das pessoas que fazem fisicultura, musculação, essas pessoas que querem ter músculos enormes, que vão às academias de ginástica. Pode-se imaginar sempre que elas queiram produzir esses grandes músculos porque talvez não tenham músculos suficientes em outra parte. Aceito essa suspeita.

Para as mulheres também essa imagem narcísica é muito importante. Como diz Lacan, não há o significante d'A Mulher, não há um único modo de usar, completo, para que se sinta que se é mulher, há uma multiplicidade muito grande da forma de ser mulher. Desde a Lolita, a inocente menina que faz a primeira comunhão, até uma mulher fatal. Que mulher ser? Lacan tomou do tema de Joan Riviere sobre a mascarada feminina, que não deve ser entendido do ponto de vista depreciativo, mas pelo fato de que a femini-

lidade é sempre uma máscara. Há algo da ordem da máscara que é necessário para a definição do que é ser mulher. Enquanto que um homem sabe o que o faz um homem, não há essa infinidade de variação possível.

Agora, quanto ao investimento da imagem narcísica, o que nos chama sempre a atenção na vida diária é que, frequentemente, as mulheres que as mulheres acham bonitas não provocam esse mesmo efeito nos homens. As mulheres que as mulheres acham bonitas são imagens, são mulheres cuja aparência impressiona. Não direi que os homens sejam insensíveis, mas não é esse tipo de mulher que agrada sexualmente necessariamente aos homens. Para que uma mulher atinja um homem, desperte algum homem, é preciso que ela apresente alguma coisa de falta, qualquer coisa que pode ser um distanciamento, um aspecto perdido e, às vezes, pode ser alguma coisa feia, algum defeito. Ela tem que ter um pouco desse lado de “ah, coitada!”, para protegê-la, para salvá-la e ele vai ter o que é preciso para protegê-la e para salvá-la, aquilo que vai corresponder àquela sua falta, ao que lhe falta. Enquanto que as mulheres que agradam as mulheres, elas estão sempre bonitas, são sempre perfeitas e impenetráveis.

Esse é o lado divertido desse lado imaginário do corpo, mas vamos então passar para o outro lado: aquela parte do corpo, aquele pedaço que desempenha seu papel na fantasia. O corpo que é representado no inconsciente apenas por uma parte, por um pedaço. Esse pedaço é que aparece na fantasia, esse pedaço do corpo que o representa na fantasia, o corpo enquanto libidinal. Para ilustrar: há alguns anos, eu encontrei um caso de Freud, de 1913, e foi um caso que pareceu ser absolutamente deslumbrante por sua sobriedade e pela massa de informações, pela precisão desse caso. E graças a Lacan faremos uma leitura desse caso que nos permite mostrar essa parcialidade do corpo dentro da elaboração da fantasia, ou nos permite simplesmente saber o que é uma fantasia e a relação da fantasia com a sexualidade.

É o primeiro caso de um artigo chamado “Duas mentiras de criança”. Em francês está num volume chamado “Neurose, psicose e perversão” e na edição alemã é o volume oito.¹ É um caso construído de um modo muito estranho. Vamos começar por dizer que ele vai nos contar uma história de uma menina de sete anos. A história é essa: ela pede ao seu pai dinheiro para comprar tintas para desenhar e pintar ovos de Páscoa. O pai recusa, dizendo que ele não tem dinheiro. É uma história tipicamente freudiana: entra-se em um evento através de uma decepção, espera-se alguma coisa do outro e o outro diz não. Lembre-se do outro texto importante de Freud “A novela familiar do neurótico”: Freud diz que a criança começa sua atividade fantasmática, começa a refletir, a pensar, porque ela se de-

² Freud, *Duas mentiras contadas por de crianças* (1913/1996).

cepciona, porque o Outro — os pais — não lhe dá em retorno todo o amor que se espera. Sempre essa entrada se dá pela falta do gozo. Algo é esperado do Outro, mas não acontece. Então, o pai recusa dar dinheiro à sua filha e ainda por cima dizendo que ele não tem dinheiro. Ela não está pedindo uma quantia exorbitante, não está pedindo um presente insensato. Então não é somente uma recusa, é uma recusa desdenhosa.

E depois ela pede novamente dinheiro a seu pai, porque ela precisa levar para a escola 50 pences, para comprar flores para uma coroa para a princesa que havia morrido, uma coisa que se passava na escola. E o pai lhe deu 10 marcos. Cem pences equivalem a um marco, então ele deu 1.000 pences. A menina levou então sua contribuição à escola e devolveu a seu pai 9 marcos. E ela guardou para si a mesma quantia que havia levado à escola para a tal princesa morta. Então, vejam o drama da criança: o pai que diz não ter dinheiro, mas pode dar 10 marcos para a causa da princesa morta. Então, ela rouba os 50 pences. E esse é o drama que começa.

Durante a refeição, o pai desconfiado pergunta à menina o que ela fez com os 50 pences que estão faltando, se ela não teria ido comprar as tintas com aquele dinheiro. O pai não era bobo, ele sabia o que ela queria. Ela negou, mas seu irmão dois anos mais velho a traiu. O pai, contrariado, confia à mãe a tarefa de corrigi-la, repreender a filha. Mas a mãe, depois de punir a filha, fica muito abalada diante do desespero da menina. E começa a agradá-la, leva-a para passear, para consolá-la, mas era impossível apagar os traços daquela experiência de vida, que a própria paciente qualifica como uma reviravolta na sua juventude. Lembrem-se: a história começou com aquela menina de sete anos, agora sabemos que é uma paciente falando de um acontecimento de sua juventude. Um acontecimento que a transformou, determinante.

E Freud, então, nos coloca primeiro esse momento decisivo na vida do sujeito, ele parte daquilo para em seguida desenvolver as consequências daquele acontecimento. Freud diz que imediatamente depois, aquela criança que, era segura, tornou-se tímida, insegura, incapaz e amedrontada. Aquele episódio teve, então, efeitos consideráveis para esse sujeito. Podemos já perguntar: o que significa para um sujeito ser cheio de segurança? Na linguagem corrente, uma pessoa “cheia de si”. Na verdade esse caso nos permite dizer que alguém que é seguro de si é, principalmente, alguém que é seguro do Outro. O sujeito extrai sua segurança do Outro. É que até aquele ponto ela se achava uma princesa a quem seu pai não recusava nada. E aí nesse ponto essa certeza é destruída pela atitude do pai. Pelo duplo desdém do pai: primeiro, recusando-se a lhe dar dinheiro e, de outro lado, nem se dignando a puni-la ele mesmo, deixando para a mãe a tarefa de puni-la.

³ Lacan, *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/1998).

⁴ Referência à distinção feita por Lacan no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/1998, p. 829) entre o “de” enquanto determinação objetiva e determinação subjetiva.

Há, em “A Subversão do Sujeito”,³ uma passagem em que Lacan diz que o sujeito se assegura do Outro, com o equívoco inerente a essa fórmula.⁴ Primeiro, o sujeito se assegura da existência do Outro, o sujeito tem a necessidade desse conforto de saber que o Outro existe para que ele assim se sustente narcisicamente e, no outro sentido, o sujeito encontra no Outro a sua segurança. Ele se assegura do Outro e do fato de que ele pede essa sua segurança ao Outro. É o que faz a psicopatologia da vida cotidiana do neurótico. A falta do Outro, o momento em que o Outro o trai, o Outro trai o pacto que o sujeito imagina que o liga ao Outro: Outro que não presta atenção nele, que o despreza, que o maltrata, que não o trata como deveria, o Outro que lhe machuca.

Então, passemos dessa segurança que o sujeito encontra no Outro e que, evidentemente, toma um aspecto particular em transferência. A transferência acontece justamente no momento em que o analista não fornece essa segurança, esse conforto que o outro encontrava nele. É isso o que vai produzir a cadeia regressiva da demanda transferencial, no sentido em que o analisando vai tentar sentir-se seguro em relação ao analista. Vamos falar desse ponto no final do caso.

Mas antes, há um outro salto histórico maior, que acontece durante o noivado da jovem. Trata-se de seu noivado, e o fato de sua mãe cuidar de seus móveis e seu enxoval a coloca em um estado de cólera incompreensível. Ela tem impressão de que aquele é um dinheiro dela e que nenhuma outra pessoa pode usar. Então há um retorno àquela problemática do dinheiro. É o momento do noivado, então já é uma jovem adulta. Depois, já uma jovem senhora, uma mulher casada, ela teme pedir a seu marido que cubra seus gastos pessoais e separa inutilmente seu dinheiro do dinheiro de seu marido. Em cada período da vida há um sintoma sempre em torno do dinheiro.

E o terceiro tempo, durante seu tratamento, o que acontece então já com Freud. Quando ela está em tratamento, ela se encontra várias vezes sem recursos, sem dinheiro em uma cidade estrangeira porque a quantia que seu marido lhe envia chega com um certo atraso. Freud quer que ela prometa que se essa situação se repetir ela pode pedir emprestado, é uma quantia pequena, ela pode pedir emprestado quando tiver necessidade. Ela dá sua palavra de que irá fazê-lo. Mas, quando ela se encontra novamente em necessidade, ela não pede dinheiro emprestado, não cumpre sua palavra e prefere empenhar suas joias, ela disse que não queria pedir dinheiro emprestado para Freud. Há uma espécie de redução desses casos: um acontecimento que volta, depois a mudança de caráter, o sintoma que aparece no noivado, o sintoma quando ela é uma mulher casada e esse sintoma na transferência. É sempre o mesmo: eu não quero receber nada de você. É muito tocante essa maneira como Freud

descreve: “Ela está naquele momento na posição de ser a coitada, a pequena coitada, enquanto que eu tenho tudo o que é preciso para salvá-la”. Freud se apresenta como aquele que tem o que falta a ela: “Eu quero que ela me prometa que se isso se repetir ela deve pedir a mim emprestado esse dinheiro que ela precisa”. Ele diz: “conte comigo, eu tenho o que for preciso, seja razoável”. E justamente a posição dela é: “não quero receber nada do Outro, tenho minhas joias, posso empenhá-las, não preciso de você”.

É um tipo de relação muito particular com o Outro. Vemos então o que ele tem em mente quando conhecemos seu texto sobre a feminilidade, um texto dos anos 30. A reação à castração normal da feminilidade consiste em pedir ao Outro aquilo que lhe falta. Mas ela reage aqui de outro modo, ela diz: “Eu tenho. O meu pai não me dá aquilo que eu tinha certeza que ele me daria, já que é assim não faz mal, eu tenho o que me falta. E não vou aceitar isso de ninguém”. Com poucos elementos podemos imaginar todas as consequências disso na vida do sujeito nessa situação e, em particular, as consequências na sua vida sexual. O que pode representar como uma reivindicação fálica masculina que pode torná-la impenetrável também. Mesmo que não seja dito, isso fica subentendido.

São poucos pontos aqui, não sabemos nada sobre essa mulher, sobre seus gostos, sobre sua vida profissional, sabemos apenas desses sintomas, não sabemos nada de sua psicologia, de sua personalidade, mas conhecemos os elementos essenciais: se nada me falta, eu tenho tudo que preciso. Em resposta à decepção de amor que ela teve aos sete anos. E o novo movimento do texto é a análise. O pai não podia desconfiar do significado daquele fato quando ela se apropriou daquela quantia quando era criança. O que o pai não fez, naquela época, é Freud que irá fazer, ou seja, vai analisar aquele pedido, o pedido dos 50 pences. É a resposta à questão: por que aquele evento foi tão importante? É feita pelo trabalho analítico, ou seja, pela associação livre e não pela explicação.

E Freud continua dizendo: algum tempo antes de sua entrada na escola, há uma outra lembrança. Como ele destaca aquela história do dinheiro aos sete anos, no segundo ano escolar, nessa lembrança nós podemos imaginar que ela tinha cinco anos. Pouco antes de sua entrada na escola, em relação ao dinheiro, ela já tinha participado de um outro acontecimento. A situação é essa: sua vizinha havia pedido para que ela acompanhasse seu filho, mais jovem que ela, a uma loja onde ela iria fazer compras. E ela, como era a mais velha, é que trouxe, na volta, o dinheiro do troco da compra. Podemos até filmar essa cena. A menininha que era mais velha que o garoto que ela acompanhou — uma situação contrária à relação dela com seu irmão que era mais velho —, ela que está comandando ali: é ela que leva o dinheiro, é ela que traz o troco, ela que tem o dinheiro,

a responsabilidade, é ela que vai fazer a compra. Mas, no caminho de volta, na rua, encontrando a empregada da vizinha, ela jogou o dinheiro na calçada. Analisando esse ato que para ela própria era incompreensível, é uma indicação do modo como se procede na análise, vai se indo de enigma a enigma, de livre associação a livre associação. Então veio à sua ideia uma nova associação, a ideia de Judas que jogou o dinheiro que havia recebido para trair o Senhor.

Na sequência: aquele enigma do acontecimento aos sete anos que lembra um acontecimento ainda mais enigmático dos cinco anos que faz com que ela associe sua história à de Judas. Então, deduz-se, como Freud, que ela já tinha ouvido falar da paixão de Jesus na Bíblia, mesmo antes de ir para a escola. No momento em que ela joga fora esse dinheiro, ela declara que já conhece a história de Judas. Mas, a questão de Freud, uma nova pergunta: em que medida podia ela se identificar a Judas? E a pergunta é bem precisa, e pressupõe uma resposta. A resposta prévia é: “se ela faz isso é porque ela acha que é Judas”. Isso não se questiona, é afirmativo. Não é: “será que você fez isso porque talvez estivesse se achando na posição de Judas?”. Não, foi muito claro: “você é Judas, Judas é você. Então, por quê?”

Uma nova lembrança, uma terceira, quando ela tinha três anos e meio. Então de sete a cinco, e agora três anos e meio. Aos três anos e meio ela tinha uma babá a quem ela era muito ligada. E aquela jovem mantinha uma relação erótica com um médico em cujas consultas ela ia com a criança. Parece, então, que a criança assistia a diversas atividades sexuais. Estamos aqui num cenário freudiano clássico: a babá que leva a menina de três anos e meio, enquanto ela se distrai com seu amante, e considerando que a menina de três anos é muito nova para entender qualquer coisa que aconteça. Não se pode dizer com certeza — e aqui há uma certa maldade de Freud também —, não se pode dizer com certeza que ela tenha visto o médico dar dinheiro para a jovem babá. Ou seja, isso também poderia significar que ela fosse uma prostituta, a jovem babá. Não há certeza, mas a pergunta foi feita. O que temos certeza, em contrapartida, é que a jovem babá dava à menininha algumas moedas para que ela tivesse certeza de seu silêncio. No fundo, a menina era comprada com dinheiro, o que naquela idade talvez não significasse muito para a criança. E Freud ainda define que com aquele dinheiro elas compravam guloseimas no caminho de volta. A babá dizia: “faz de conta que você não viu nada e eu te compro balas”. E pode ter acontecido também de o próprio médico ter dado dinheiro para a menininha. Por que Freud se vê obrigado a acrescentar essa frase? E dessa forma tão problemática: “pode ser também?”. Acho que isso deve ser interpretado. Parece-me que para Freud o que conta era que alguém dava esse dinheiro para ela: ou a empregada, ou o

médico e justamente ela recebia. O Outro lhe dava o que ele tinha. E ao mesmo tempo isso reforça sua posição diante do pai que não lhe deu dinheiro.

Mas o verdadeiro drama, vou ler o texto literalmente: “Entretanto, esta menininha com ciúmes acabou traindo a babá diante de sua mãe, aí está Judas. Ela brincava tão à vontade pela casa com aquele dinheiro que recebia, que a mãe acabou tendo que perguntar para ela de onde ela recebia aquele dinheiro. E a babá foi despedida”.⁵ Fim da história. Não há quase elementos novos depois disso. Com tanto ciúme, ela acabou traindo a babá diante de sua mãe. Isso mostra que a menininha não se satisfazia com as guloseimas, que ela já era uma pequena mulher e tinha ciúmes, já aos três anos e meio, daquela babá a quem ela era muito ligada. Uma pequena mulher, uma pequena peste. Mas tinha ciúmes de quem? Era com a babá que ela procurava esse conflito? É a babá que ela provoca? Não, é a mãe. É diante do nariz da mãe que ela fica brincando com as moedinhas. Ela tem tanto ciúme da mãe quanto da babá. E o Outro que ela desafia talvez seja mais a mãe que a babá. E ela tem sucesso nesse desafio, nessa afirmação, mostrando o que o Outro lhe dá. É como se ela dissesse: eu também tenho, eu também ganho, de tal forma que ela nem chega a ser punida, é a babá que é punida. E ela percebe que se identifica a Judas, que ela é Judas, nesse momento, e isso na psicopatologia da vida cotidiana não a torna culpada. Não basta ter feito uma porcaria dessas, um ato desses, para se sentir culpado, porque isso se passa quando ela tinha apenas três anos e meio, e aos três anos e meio ela ainda era uma pessoa segura e “cheia de si”.

Evidentemente ela não fica nem um pouco à vontade quando, aos cinco anos, encontra a vizinha na rua. O que era aquela cena quando ela tinha cinco anos indo com o menino fazer compras? Ela é quem toma conta do menino, é ela quem toma conta do dinheiro. Ela não é psicótica, então no momento em que ela se apresenta diante do Outro nessa impostura de identificação fálica, ali acontece uma vacilação subjetiva. Ela se vê obrigada a jogar esse dinheiro fora para se reconstituir, para se recolocar nesse lugar. Mas isso não a torna culpada, e também não impede que ela seja segura e “cheia de si”. Mas, esse pequeno incidente aos cinco anos, quando ela joga fora o dinheiro, essa pequena reação de recuo, terrificada — “Não, não é verdade, eu não tenho, não tenho tudo” — é inibição, é o que se encontra na vida de muitos neuróticos. No momento justamente em que ele deve assumir algum sucesso. O sucesso tem um significado fálico muito forte, e então é equivalente ao falo: o sujeito não suporta, ele se angustia porque justamente, naquele momento, se ele realizar o sucesso, aquela falta vai faltar. Vocês conhecem a definição para a angústia de Lacan: quando a falta falta.

⁵ Na Edição Standard em português: “Não obstante, por ciúme, a menina traiu a moça à mãe. Brincou tão ostensivamente com as moedas que trouxera para a casa que a mãe não pode deixar de perguntar: ‘Onde foi que você conseguiu esse dinheiro?’ A moça foi despedida.” (*Duas mentiras contadas por crianças*, op. cit., p. 332).

Um exemplo que cito é o de um jovem que era um campeão de tênis, era um gênio do tênis. E todo mundo investia na carreira dele: a família, a prefeitura, toda a região onde ele morava. E aquele jovem chegava, sem nenhum problema, até a final e, inexplicavelmente, na final, qualquer que fosse o adversário, ele perdia. É como esse recuo da menina com as moedas, quando ela as joga fora. Nesse recuo, ela fala: “não quero”. O sujeito deseja ser o falo, mas quando se diz a ele: “de acordo, você é o falo”, ele diz: “não obrigada, prefiro continuar a desejar”. É uma das faces do horror ao ato, o desejo que permite que se espere. Em francês se diz: “só mais um minuto, senhor”, porque o ato, desse ponto de vista, é a perda do desejo.

Tudo isso para dizer que não basta se identificar com Judas para se sentir culpado, porque esse caso nos mostra que o sujeito se sente culpado porque seu pai não o ama mais, aos sete anos, mas não antes. Vamos terminar mesmo assim a leitura desse caso, vamos reler Freud: “Assim, para a criança, o fato de receber dinheiro de alguém significou muito cedo doar seu corpo e ter uma ligação amorosa”.⁶ O que Freud faz aqui é escrever uma equação, no sentido matemático. Uma equação que se constituiu para o sujeito na idade de três anos e meio: ter uma ligação amorosa é igual a receber dinheiro. E essa equação não vai ser modificada durante toda a sua vida. O que vai mudar aos sete anos não é a equação, é a posição do sujeito em relação à equação. Até os sete anos é: “eu recebo”. E depois dos sete anos é: “Já que você não me dá, mesmo assim eu tenho”. Claro que essas duas posições não têm a mesma consequência na vida cotidiana do sujeito. Mas as duas levam à mesma equação: relação amorosa igual a receber dinheiro. Tomar o dinheiro do pai equivalia a uma declaração de amor.

Depois, nas palavras sobre a transferência, sobre o trabalho analítico: a fantasia que ela fazia do pai, seu amante, era tão sedutora que, graças à sua ajuda, o desejo infantil de ter as tintas para os ovos de Páscoa levou facilmente a essa proibição. A criança não podia confessar que ela havia pego o dinheiro, ela foi obrigada a negar porque o motivo daquele ato, o motivo para ela mesma inconscientemente, era inconfessável. E punindo-a, seu pai recusava a ternura que ela lhe oferecia. Ele a desdenhava e quebrava assim sua alma. Citando Freud: “Durante a análise ela caiu numa grave depressão um dia em que fui obrigado a recriar aquele desdém do pai pedindo que ela não mais me trouxesse flores. Foi a explicação dessa depressão que conduziu a essa lembrança que acabo de citar”.⁷ Com esta frase temos a chave final que nos permite reconstruir a totalidade do caso.

Temos finalmente um encaminhamento histórico. Temos uma paciente que não somente empenha suas joias, mas oferece flores a Freud, regularmente. É essa a situação disso na análise, e o que Freud nos faz entender quando diz “eu fui obrigado a pedir que ela

⁶ Na Edição Standard em português: “Tirar dinheiro de alguém veio assim a significar precocemente para ela uma rendição física, uma relação erótica.” (*Duas mentiras contadas por crianças*, op. cit., p. 332)

⁷ Na Edição Standard em português: ““Durante o tratamento, ocorreu um período de grave depressão (cuja explicação levou-a a recordar-se dos acontecimentos aqui descritos) quando, em certa ocasião, fui obrigado a reproduzir essa humilhação, ao pedir-lhe para não me trazer mais flores.” (*Duas mentiras contadas por crianças*, op. cit., p. 333).

não mais me trouxesse flores”, é que tinha começado por aceitá-las. Ele começou sendo dócil naquela situação em que o sujeito lhe colocava. A paciente tem esse lugar masculino: ela tem as flores e ela as oferece a Freud. Com todo o significado amoroso que tem o ato de se oferecer flores, e era ela que oferecia, e Freud, em um primeiro momento, aceita. Até o momento em que ele diz que foi obrigado a reconstituir o desdém do pai. O que equivale dizer que não foi em um momento qualquer que ele resolveu dizer: “agora basta, essas flores para mim não são nada”. É quando ele sabe que está copiando aquela atitude do pai.

É preciso reproduzir a situação em que ele sabe que a segurança do sujeito está sendo desmentida. Há um momento em que ele deixa cair, abandona. Podemos imaginar a cena: Freud recebendo as flores no primeiro dia com toda a atenção, no segundo dia ainda mais e depois, progressivamente, um pouco menos e depois, abruptamente, as flores vão para o lixo. Uma sideração do sujeito pelo fato de que aquilo não funciona mais, o Outro não está mais no lugar que era esperado. Essa foi a manobra transferencial de Freud que não deixou de ter consequências, porque a colocou no que Freud chamou de uma grave depressão. Imagina-se que a paciente durante esse momento de grave depressão foi ver um médico, um psicólogo para dizer a um outro: olha o que ele fez. Ele ouviu e deve ter dito: “mas não se deve ir a um psicanalista, olha o que ele fez de você. Ele é uma pessoa perigosa, olha o estado em que você ficou”. E são situações que podemos ouvir ainda hoje.

De qualquer forma, Freud não recua diante disso, da grave depressão, e a explicação dessa depressão é que leva à lembrança da idade de sete anos. Como vocês veem, o sujeito não chegou a ele com essa lembrança da idade de sete anos. O despertar dessa lembrança foi consequência dessa manobra transferencial de Freud. Pode-se imaginar que ela tinha ido ver Freud por causa dessas dificuldades, desses sintomas que levavam a dificuldades em sua vida. Então a transferência, em um primeiro momento, consiste em deixá-la se envolver com sua posição e, em seguida, operar de forma que o sujeito seja desmentido dentro de sua segurança. Ou seja, repetir o trauma que o sujeito sempre conheceu, no momento em que o Outro não correspondeu ao apelo do sujeito. Cada um de nós conhece esse momento em que o Outro não respondeu a nossa intimação. Daí essa manobra, com a reação do sujeito — como é que o sujeito reage quando o Outro não diz “presente” —, a implantação dessa repetição — a repetição da depressão — e a vinda dessa lembrança e da grande depressão pela qual ela passou aos sete anos. E, depois, todo o trabalho analítico que consistiu em ir cada vez mais longe no tempo: dos sete anos aos cinco anos, dos cinco anos aos três anos e meio até a elucidação da equação inconsciente do sujeito.

E, finalmente, é irrisória essa equação inconsciente. Essa pequena frase, essa pequena equivalência, e que, no entanto, determina toda a vida do sujeito, em sua relação com os outros e também sua relação com seu corpo e com o corpo do Outro. Efetivamente, às vezes há dois níveis: há mulheres para quem receber dinheiro significa manter uma relação amorosa. São mulheres que estão sempre em busca de um presente: um pequeno gesto, uma pequena atenção, qualquer coisa que seja um sinal de que ela representa mais que os outros. Mas, nesse caso da menina, ainda é mais que os outros, a maneira como ela se posiciona diante dessa equação. Existe a equação — receber dinheiro e o amor —, e há a sua posição em relação a essa equação, e a análise revela as duas coisas. É por isso que Lacan utiliza a expressão fantasia fundamental. E se nós quebrarmos a cabeça para entender o que é essa fantasia fundamental, nós temos aqui um belo exemplo do que é uma fantasia fundamental, nesse texto de Freud. Receber dinheiro de alguém significa doar seu corpo ou ter uma ligação amorosa. Esse é seu fantasma fundamental, e foi isso que organizou o seu futuro, a sua vida, tanto que aconteceu quando ela tinha cinco anos, sete anos, quando ficou noiva, quando se casou etc. Acho esse caso formidável, principalmente porque ele não nos diz nada sobre a psicologia do sujeito, mas ele ilustra esse ponto essencial do corpo parcial e também a dimensão anal do objeto *a*. Não se deveria acentuar tanto o lado anal como Freud fez porque, de qualquer forma, ele havia falado das guloseimas. O que me parece importante é a noção de objeto, objeto parcial, o objeto que o Outro dá e que é equivalente para o sujeito da colocação de seu corpo em jogo. Doar seu corpo. A equação finalmente é: seu corpo igual a dinheiro. Seu corpo, de um lado, e o objeto vindo do Outro, de outro lado.

Isso ilustra tudo o que Lacan nos disse sobre essas fantasias, a maneira como o sujeito sustenta seu desejo a partir do objeto parcial. Lembre-se que a problemática que está em jogo na fantasia é tanto uma problemática de amor — ou seja, da ligação ao Outro — quanto uma problemática de prazer do corpo. Claro que a problemática do prazer com o corpo está presente, a excitação sexual, a cena da qual ela participa, tanto o erotismo anal que Freud evoca quando fala da brincadeira com as cores, pintar os ovos e as tintas. Há um gozo na relação com o Outro, e um gozo do corpo. Mas esse gozo do corpo é muito enigmático, ele é difícil de qualificar de genital propriamente dito. A conclusão de manhã e a pergunta para esta tarde: como especificar o gozo genital na vida libidinal de um sujeito? Não como um caso particular, mas também não tão diferente.

Apesar do pouco que Freud nos disse quanto à sua vida sexual, temos dificuldade de pensar que ela seja satisfatória. Há uma satisfação da fantasia, ela afirma que tem, quer provar que tem, arran-

car do Outro o sinal que prova que ela tem. Mas, se ela tem isso como uma satisfação fantasmática, não significa que ela tem uma satisfação no corpo. E se ela tem uma satisfação do corpo, em todo caso, não é um gozo genital. Será que ela tem esse gozo genital, será que ela tem alguma fantasia que seja suporte da masturbação? A meu ver, parece que isso é colocado um pouco de lado. A questão é como reintroduzir esse gozo sexual dentro de um gozo fantasmático a-sexuado (assexuado). Jogando com esse assexuado, a sexuado, a privativo, a do objeto a da fantasia. Vamos parar por essa manhã. Obrigado.

Parte 2: As incidências da análise na sexualidade

Estávamos falando até agora que a sexualidade no ser falante era apenas fantasmática. Então, o funcionamento do corpo — em particular a excitação e a satisfação genital — era comandado não pelo organismo, mas pelo fantasma, e o resultado desse funcionamento também era comandado pela fantasia. Entendo como resultado disso a satisfação ou a insatisfação. Pode se pensar em uma copulação que estivesse livre de qualquer envolvimento fantasmático, uma copulação puramente física, animal. Podemos pensar nisso, e é só o que podemos fazer, porque nos é inacessível.

Até mesmo a indústria pornográfica, cuja razão de ser é justamente a exploração do prazer genital, até essa indústria pornográfica é obrigada a vestir, enfeitar um pouco. Não há melhor demonstração desse fato de que a sexualidade é comandada pela fantasia que a própria indústria pornográfica. Em outras palavras, é mais um fato de significante, em todo caso, mais significante que organismo. É o significante que organiza o modo de satisfação do corpo. Basta visitar um *site* pornográfico na internet, é fácil, para ver como é formidavelmente instrutivo. Primeiramente, podemos ter ideias que não tínhamos tido antes. E, sobretudo, o que é fascinante é como essas imagens são catalogadas, o que é, sobretudo, um caso de significante. Como se multiplicam ao infinito todas as rubricas, as especializações do ato, cada vez mais longe dentro dessa precisão dentro de um certo tipo de acasalamento. Finalmente, é comandado pela fantasia. E a disfunção da satisfação sexual, ou seja, a impotência, a ejaculação precoce, a frigidez, todo o tipo de disfunção, também todos os antagonismos entre o amor e o ato sexual, todo esse campo da psicopatologia da copulação é determinado por uma fantasia também.

Eu havia previsto o comentário de um único caso existente na literatura de Lacan. Esse único caso de Lacan vocês vão encontrar nos Escritos, no texto “A Direção da Cura”.⁸ É um caso

⁸ Lacan, *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998).

⁹ Na nota 24 do texto *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998, p.637), encontramos: “*Bonneteau*: jogo em que três cartas de baralho são movidas com muita rapidez para que se adivinhe onde está a que foi previamente mostrada”.

conhecido como *Bonneteau*,⁹ jogado por três pessoas: uma tem que adivinhar, mas tem alguém que finge ser do público, para falsear a situação. Vocês conhecem esse tipo de jogo? É praticado na rua, nas feiras, joga-se com três copos e é preciso adivinhar embaixo de qual deles está o objeto. É um jogo aparentemente para duas pessoas, mas geralmente tem um terceiro misturado ao público, que finge fazer parte do público. Ele incentiva as pessoas na rua a jogarem, a apostar. Ele ganha, e as pessoas que passam pensam que elas podem ganhar também. Já é uma questão de lugar, trata-se de saber se o objeto está no lugar certo.

Trata-se de um caso muito valioso, porque é o único caso da prática de Lacan, comentado por ele mesmo. É utilizado para ilustrar um caso muito preciso, citando a função de significante que o falo tem para o sujeito. Ainda mais interessante que essa função de significação que o falo tem, é feito por um caso de impotência sexual de uma paciente.

Ele é apresentado como um paciente já no final de sua análise, um obsessivo, que chegou, como diz Lacan, ao final de suas forças, extenuado, um pouco como nós agora. Então ele está perto do fim e esse paciente revela uma impotência sexual que serve para esse paciente acusar a impotência de Lacan. É uma impotência transferencial. E o paciente, como diz Lacan, funda a sua descoberta em função de um terceiro dentro do casal, um sujeito *voyeur* que é uma das figurações possíveis, não é a única. O paciente então, inspirado por essa descoberta de um terceiro dentro da função do casal, propõe à sua amante que ela durma com outro homem para ele ver. E sua amante tem um sonho em resposta ao pedido de seu companheiro. Ela sonha que tem um falo.

Esse não é o final do artigo “A Direção do tratamento”. Não é a última palavra, mas no texto de Lacan ele é um momento decisivo. Ele faz a ligação entre o que significa o falo, a organização fálica do desejo e aquilo que é seu suporte, a fantasia. É o que permite atravessar o ponto da identificação fálica. É o que permite desvelar o plano de identificação com o objeto na fantasia. Evidentemente, nessa experiência, no progresso do tratamento, não se tem num primeiro momento o que fazer com a fantasia. Estamos tratando com essa encenação, exatamente como no caso de Freud que lemos e comentamos agora há pouco. Não há, em um primeiro momento, a formulação daquela equação, que só vem depois que o trabalho foi sendo feito. A equação produz seus efeitos, evidentemente, na vida relacional e amorosa do sujeito. E na vida analítica não se partilha essa relação da vida amorosa e sexual.

Então, esse caso de Lacan é muito interessante porque, evidentemente, ele é muito complicado de se decifrar. Há duas problemáticas intrincadas, é isso que Lacan escreve. Primeiro, a problemática

geral que constitui a estrutura do sujeito falante. É a função de significante que tem o falo no desejo, o que é válido para todo neurótico ou para todo sujeito desejante. E, por outro lado, por se tratar de um sujeito obsessivo. Então há uma estrutura particular desse seu desejo neurótico, um modo particular de se posicionar em relação ao significante fálico. Isso quer dizer que eu quebrei a cabeça por várias semanas tentando entender esse texto. É ainda mais irritante, porque ele só tem três páginas, não é um texto longo. Mas há muito mais coisas que não são ditas que coisas ditas.

Levei um tempo enorme para entender uma questão muito simples, porque quando essa mulher conta o seu sonho, isso desperta no outro o seu desejo sexual. Como diz Lacan, ele reencontra seus meios de satisfazer a sua comadre e o faz. Mas isso não quer dizer que ele também sinta prazer, talvez não como sentisse em sua impotência, não é garantia de que ele sente prazer. Lacan apresenta isso como uma coisa evidente, mas justificar esse fato não é tão evidente. É muito mais complicado que os textos de Freud e deveríamos estudar muito esse texto, leva muito tempo.

Leiam o texto, porque é muito engraçado. Não é à toa que Lacan fala desse jogo de *Bonneteau*, é todo um jogo, segue uma série de etapas, em que cada um em sua vez tem o comando em mãos. Primeiro, ele não fala desse confronto transferencial com o paciente, depois Lacan diz que ele não se deixou enganar pelas manobras de seu paciente. Ele conservou o controle e levou seu paciente até o fim. Ele incomodou a sua economia libidinal e, com esse incômodo, o paciente revelou sua impotência. Que, num paradoxo aparente, ele usa para retomar o controle e fazer com que a impotência passasse para o lado de Lacan. Ele faz então sua proposta à sua amante e ela tem aquele sonho. O que Lacan diz, nesse momento, é que a amante é que retoma o controle. Contra Lacan e contra seu amante, porque ela não quer perder seu amante. E, assim mesmo, é Lacan quem retoma o controle interpretando o tema do sonho de sua companheira. É muito divertido esse pequeno jogo de poder que passa de Lacan para o paciente, do paciente para a sua amante, de sua amante novamente para Lacan, mas, por pouco, não foi a amante que ganhou. Não vou dizer muito mais sobre isso porque a restituição da potência sexual pelo paciente não é apresentada como uma vitória do analista ou da análise, mas como uma vitória da amante contra a análise.

Finalmente, não vou mais desenvolver isso. Mas esse caso mostra bem uma disfunção sexual como uma problemática subjetiva fantasmática.

Nos anos 60, Lacan escreveu “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache”,¹⁰ onde formaliza o que ele chama de desejo masculino e o desejo feminino. Está nos *Escritos*. Vocês têm essas

¹⁰ Lacan, *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura da personalidade'* (1960/1998).

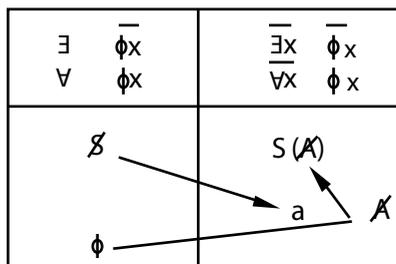
fórmulas diante de vocês, no quadro, que são fórmulas, acredito, muito pouco comentadas e que Lacan nunca retomou:

Desejo masculino: $\Phi(a)$

Desejo feminino: $\mathbb{A}(\varphi)$

Abaixo, vocês têm as fórmulas da sexuação¹¹ que, ao contrário, Lacan comentou muito, foram muito comentadas e acho que todo mundo conhece.

¹¹ Lacan, *O Seminário*, livro 20: Mais ainda (1972-73/1985).



Mas acho interessante nos determos um pouco nessas fórmulas intermediárias, primeiro porque elas tentam dizer algo do desejo, a forma do desejo para cada um dos dois sexos. O próprio Lacan nunca questionou: há dois sexos. Ele tenta definir alguma coisa de específico para a forma de desejo de cada um dos sexos e, ao mesmo tempo, essas fórmulas tentam dar conta de por que os sexos se acoplam, se acasalam, por que os corpos se abraçam. Por que — e no fundo é a grande questão que Freud não resolveu e que permanece suspensa por muito tempo em Lacan —, se toda a sexualidade é desgenitalizada, é libido, uma libido construída a partir de objetos parciais — por exemplo, no caso da ladrazinha dessa manhã, tinha uma parcialidade anal ou oral —, porque então os corpos têm essa necessidade que os leva a se acasalar, o que os leva a isso? O que leva os corpos a se acasalar de forma inter-sexual?

Nem o sujeito nem o fantasma é sexuado. Não há sujeito masculino e feminino, como disse nessa manhã. Há sujeito barrado. Não há fantasia masculina ou fantasia feminina. Essa é uma questão que Lacan abordou a partir dos anos 60. Freud dava uma resposta bastante biológica: o despertar da sexualidade na adolescência. Lacan abordou isso nos anos 70, principalmente no Seminário 20.

Primeiro plano então, o desejo masculino. Φ e o pequeno a . Φ é o significante falo, o significante que falta ao sujeito barrado. Simbolizado em sua excitação sexual. Estamos diante de um fenômeno de corpo, de alguma coisa que se sente. E como disse, ele aparece para o sujeito como um incômodo e um enigma. É uma questão, uma pergunta: o que é isso? É uma pergunta “o que é isso

que não me deixa em paz”. É uma pergunta, algo que se inscreve na ordem do simbólico. Se escreve no Outro simbólico, e se dirige ao Outro. É da ordem simbólica e espera uma resposta ao “o que é isso?”. Para uma imagem possível é o sujeito que vai recolher no Outro materno o objeto que foi o desejo da mãe, uma mãe que não é somente uma educadora, uma mantenedora, mas é alguém que nos dá um desejo. É uma iniciadora libidinal, a mãe. Se ela se dirige à criança, se dá à criança o lugar de objeto de satisfação, ela faz dela um objeto libidinal para si. E se ela faz da criança um objeto libidinal, isso quer dizer que ela não está completamente satisfeita, falta-lhe alguma coisa. Falta-lhe uma satisfação que a criança lhe traz. Mas vocês sabem, a criança não satisfaz inteiramente a mãe. A mãe não se sente completa apenas pelo fato de ter uma criança para alimentar, para cuidar. Às vezes, ela se ocupa de outra coisa que não da criança ou de outra pessoa, um terceiro que, ao contrário dela, é provido de um órgão. No caso, vamos dizer, em regra geral, é o pai, é um homem. Falo da função paterna. Não apenas um terceiro que ela ama, um terceiro com quem ela faz o quê não se sabe, mas é um terceiro bem definido assim mesmo.

O que se chama falo, o portador da função fálica, é, no caso, o homem de quem a mãe faz seu parceiro sexual. Sabe-se na clínica a destruição que faz a mãe que denigre a sexualidade de seu marido. Estamos aqui no caso do jogo. Vale para vocês como indicação de leitura. Nos bons casos, nos casos certos, o que o sujeito deixa de satisfazer na mãe, sempre sendo o objeto de satisfação, o que esse sujeito deixa de satisfazer para a mãe, a mãe vai encontrar em seu homem. Está ali a colocação da significação fálica. Vocês observam que o falo, não é a criança que é o portador dele, nem seu representante, é justamente um terceiro. É o que faz com que a criança se identifique com o pai. Para satisfazer a mãe, vai fazer como papai, para quando for grande ele casar com sua mãe. Então, a satisfação que ele dá à sua mãe, enquanto objeto, como objeto oral ou anal da fantasia da mãe, Lacan fala: ele toma uma significação fálica. Como se ele pudesse satisfazer a mãe, mas não completamente. E também sabemos de todos os estragos causados por uma mãe apenas satisfeita pela criança. É o que lembra a psicose, quando há um terceiro que a criança completa.

Aqui temos a chave de uma equivalência, mas de uma equivalência insuficiente. Essa passagem está no Seminário 11,¹² é a resposta de Lacan a Dolto. Lacan insiste que ali há uma adequação que não se faz. O objeto anal, oral que é a criança, toma uma significação fálica, mas ela não é o falo. O falo é outra coisa. Poderia ser isso um pouco, mas faltam-lhe coisas para que ela o seja. Há uma inadequação entre o objeto da fantasia e o objeto fálico. Isso é capital. Disse isso de modo descontraído: a criança é o falo da mãe,

¹² Lacan, *O Seminário*, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1988).

13 *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, op. cit., 1964/1988, p. 65.*

não é completamente falso. É uma falicização do objeto da pulsão, o objeto da fantasia materna, é uma significação fálica, mas não completamente. Eu quero citar essa passagem porque é muito clara: “O mau encontro central está no nível do sexual. Isto não quer dizer que os estágios tomam uma colocação sexual que se difundiria a partir da angústia de castração. É, ao contrário, porque essa empatia não se produz, que se fala de trauma e de cena primária”.¹³

O que não se produz é essa equivalência com essa fantasia materna, a equivalência entre o objeto e o falo. Esse falo é o que falta para completar a mãe, o sujeito vai supor em seu pai isso, na função paterna. É assim que ele vai dar um sentido à sua excitação sexual. Pode ser o objeto anal ou oral de sua mãe, mas a mãe como mulher também precisa de seu parceiro sexual. Esse parceiro é o que coloca em jogo seu órgão sexual e esse sujeito masculino é o pai. Isso tem consequências clínicas muito precisas. Lacan diz isso desde o início, graças ao Édipo, que o homem tem seu título de propriedade no bolso. Você é um homem, e mais tarde você será um homem com outra mulher, como o papai. O problema é passar do “como papai” ao próprio ato. Ousar ir além, ao ato. Por isso a insegurança, a angústia do homem ao passar ao ato. Será que isso é legítimo? Não será uma impostura? Será que ele não está tomando o lugar do outro? Será que ele não corre o risco de o outro vir bater no seu ombro e dizer: “o que você está fazendo aí? Com que direito?”. Então, há alguma coisa que fragiliza a sexualidade masculina.

Na nossa fórmula, o Φ é o significante que falta ao sujeito para simbolizar o seu gozo, e esse gozo ele constrói através do objeto *a* da fantasia. O que faz com que Lacan chame os homens — ele usa essa expressão — “os portadores do desejo”. É muito paradoxal em relação ao discurso corrente. O discurso corrente considera os homens como animais, sempre prontos. Na verdade, o portador do desejo é uma maneira de diferir o ato, o desejo é justamente a metonímia da falta, significa manter a falta. Na vida cotidiana o homem está sempre preocupado com essa demanda que ele dirige ao outro. De certa forma, pela garantia de que o outro pode lhe dar, pode lhe oferecer. Aquele lado do “sim, sim, você tem o falo”. As mulheres sabem muito bem disso, os homens têm que ser sempre tranquilizados. É muito fácil, basta dizer que eles são sempre os melhores, os maiores, os mais fortes. Isso sempre funciona. No momento em que eles estão seguros, tudo bem.

Em contrapartida, as mulheres, ele as chama: “as apelantes do sexo”. Aquelas que provocam o sexo, que atraem para o sexo. O que leva Lacan a dizer, sobre os garotos, que eles estão sempre muito bem no seu grupo, no seu time de futebol. E as meninas sempre têm que ser duas, para tirar um daquele grupo de futebol. Aquela que quer o garoto e a sua amiga. E depois, quando aquela que queria

o garoto conseguiu tirá-lo do time de futebol, ela não precisa mais de sua amiga. Lacan escreve dessa forma: $A(\phi)$. Para Lacan, vocês sabem, o que está em maiúsculo é sempre o simbólico e o minúsculo é sempre imaginário. Então para os homens o significante fálico que falta é o objeto imaginário da fantasia. Para as mulheres não é o significado fálico que falta, mas é a falta do significante.

As garotas, o que escapa do significante, isto é, o gozo, uma vez que ele é sentido pelo corpo, aparece como um furo no significante. E ele não é recuperado pela resposta fálica. Se ele não for bobo, o garoto responde ao enigma da sua ereção por uma atitude “como o papai”. Enquanto que a garota responde ao enigma de sua excitação, nem por um “como mamãe”, nem por um “como o papai”. Não há um exemplo, não há um modelo, não há nada que responda a esse enigma suscitado pelo gozo experimentado. E isso Lacan vai conservar até o fim da formulação da sexuação. O que está ali, o gozo feminino está diretamente ligado ao grande A . Enquanto que para o homem não, esse enigma é imediatamente preenchido pelo significante paterno. Isso corresponde a uma intuição.

Na verdade, desde os anos 60, Lacan reconhece nas mulheres uma especificidade. Um acesso ao que ele chama de A , uma relação direta com esse A . Não sei se isso é um privilégio para as mulheres ou um defeito, Lacan fala mais de privilégio, mas na verdade ele fala das duas coisas. Não há ninguém para responder o que ela sente. Por isso que não há nenhum meio de garantir a uma mulher sua feminilidade. Dizer que ela é a mais bonita, a mais inteligente, a mais *sexy*, isso não funciona. Ela pode fingir que isso funciona. Ela vai dizer mesmo assim “fale comigo”. Não vale, não adianta valorizá-la em termos de um mais fálico. A garota sabe que ela não tem nada a esperar de sua mãe. Não há nada que seja simétrico àquilo que existe para o garoto. Não existe o “fazer como a mamãe”, porque justamente a mãe é castrada, ela não é portadora da resposta. Ela só indica que a resposta está do lado do homem. Ela deixa a garota desprovida. Freud desenvolveu muito isso em seus escritos sobre a feminilidade. E Lacan retomou tal e qual.

E a propósito disso há uma pequena história: quando minha filha mais velha tinha uns onze, doze anos. Isso foi descrito, todos os psicólogos, antropólogos dizem: nessa idade as meninas querem organizar festas. E com a diferença de que nessa idade as meninas querem organizar festas, mas para os garotos isso não interessa nem um pouco. Eles preferem jogar futebol ou qualquer jogo eletrônico entre eles. E minha filha, que era terrivelmente normal, queria com suas amigas organizar sua primeira festa com música. Elas convidariam os garotos, e ela fez com suas amigas uma lista dos garotos que queriam convidar. E os meninos não pareciam nada interessados.

Eu fiquei transtornado com o desespero daquelas meninas que

só falavam nisso e só pensavam nisso, será que os garotos vão vir? E eu disse para minha filha: chega, parem de pular em cima desses meninos como urubus em cima dos carneirinhos, não é assim que você vai pegar um desses meninos. E ela perguntou: mas como eu tenho que fazer? Justamente você tem que dar impressão para ele que tem alguma coisa que eles não sabem o que é, mas que pode interessar, você pode jogar com a impressão de uma falta. É preciso deixar no ar algumas promessas e não oferecer tudo ao mesmo tempo. A reação da minha filha me surpreendeu e por isso lembro-me dessa história. Ela me ouviu com muita atenção. Então, deu um grito que saiu da sua garganta: “Eu não sei fazer isso!”.

Eu me esquivei um pouco, de maneira um pouco covarde. Falei: “Não se preocupe que você vai aprender. Depois, você pode perguntar para sua mãe”.

Claro que eu disse isso mais por curiosidade científica, essa última parte. Algum tempo depois, perguntei à minha mulher: “Nossa filha conversou com você sobre como pegar um garoto?”. Minha mulher respondeu: “Não, que história é essa? Ela nunca falou sobre isso”. Justamente isso é interessante: ela não perguntou nada para a sua mãe. Isso ilustra bem a frase nada esperada. Não é porque sua mãe conseguiu um tipo, um cara e fez dele o pai de seus filhos que ela conhece o modo de usar. Isso as garotas sabem imediatamente: não há um modo de usar, uma fórmula. Essa é a minha maneira de ilustrar o \mathbb{A} .

Esse \mathbb{A} barrado tem, mesmo assim, um correlato possível que não é o objeto da fantasia, mas que é o Φ , ou seja, o órgão. O órgão do homem, que responde a esse significante que falta. Há o grande \mathbb{A} , e não se trata de fazer como os garotos, de cobri-lo imediatamente com o Φ , e tentar pegar esse Φ como objeto da pulsão. Então, temos o \mathbb{A} ao qual não há correspondente simbólico, mas ao qual pode ter um correlato no órgão, como representando, na realidade, essa falta simbólica. Daí sua função “provocadora do sexo”. A mulher finalmente dá seu valor, sua função ao órgão. E ali os garotos podem muito bem satisfazer as suas fantasias de forma fantasmática para a sua proeza fálica. A proeza fálica no futebol, na escola, em qualquer lugar. Como o falo é um significante para o garoto, a realização fálica é primeiramente uma realização significante: ser grande, forte, como o pai. É realizar essa identificação ideal.

As mulheres dizem: “você é bom, você é forte, você é bonito, agora mostre-me que você é um homem, vamos ver isso concretamente”. Mais uma vez, é a garota que tem essa função provocadora do sexo, valorizar a colocação em função do homem como sinal da realização fálica, o que sempre dá uma nota de recompensa, que é o consentimento de uma mulher ao ato sexual. Os garotos querem merecer o consentimento e as meninas querem se fazer merecer.

Dê-me alguma razão para dizer sim. Vou dizer sim, mas me dê uma justificativa. Também não é o caso de dizer sim para qualquer um, porque o desejo feminino nunca é isolado, e é isso que Lacan vai desenvolver com as fórmulas da sexualização, e que Freud já havia dito.

No sujeito feminino tem um desejo que responde às duas posições. É o que Freud quis dizer com “as mulheres também são seres humanos”. Isso quer dizer que as mulheres também são sujeitos do significante, elas também são tomadas na significação fálica do significante, como os homens. Mas, além disso, elas têm esse modo feminino de desejo a mais, é um suplemento, diz Lacan. É um desejo que dispensa qualquer correlação a um significante, a um significante fálico, mas podemos dizer que o desejo feminino puro não existe. E se ele existisse, a mulher não seria um ser humano. Ela não seria um ser falante, ela não teria sido pega na problemática do significante do falo. Daí o passo que deu Lacan, no final de seu ensinamento, com as fórmulas da sexualização, que descrevem a posição de desejo — posição feminina, posição masculina — quase que independente do biológico do sujeito.

Todos os sujeitos falantes podem se colocar de um lado ou de outro, independentemente de ser homem ou mulher, macho ou fêmea. Posição masculina quer dizer: todo significante é tomado pela lógica fálica, ou seja, a castração, salvo o significante do outro, que é exceção. Esse é o lado masculino do sujeito. O lado feminino está do outro lado da fórmula a que ele chamava não-todo. Termine, então, aqui sobre os efeitos da psicanálise sobre a sexualidade. Parece-me que a psicanálise, a experiência analítica, toca a vertente fantasmática da sexualidade. O exemplo que dei de Freud, nessa manhã, é claro. Eu creio que, desse ponto de vista, Lacan não disse coisa diferente. Tocamos o lado ser humano da sexualidade. A parte que é aparelhada pelo significante. Ou seja, a que implica a perda de gozo e a recuperação do gozo residual através da fantasia e da imaginarização desse gozo residual em gozo pulsional, gozo do objeto. É isso a que chegamos, é isso que mobilizamos, é isso que é mobilizado no homem na observação desse jogo.

Parece-me que isso tem como efeito desentulhar a sexualidade. Toda a problemática fálica do sujeito neurótico, ela acaba parasitando sua sexualidade, elas são mais empecilhos, coisas que atrapalham o desenvolvimento da sexualidade. E o neurótico pede à sexualidade algo que ela não pode lhe dar. Ele pede uma satisfação que não é uma satisfação experimentada, sentida, é uma satisfação fantasmática. Por exemplo: ser o falo.

A análise permite ao sujeito não pedir à sexualidade o que ela não pode lhe oferecer. E, desse ponto de vista, isso facilita. Claro que isso pode, durante um certo tempo, fazer com que a sexualidade perca um pouco de seu valor para o neurótico. Ele não tem o

mesmo desafio de realização fálica fantasmática.

A análise também toca a versão inibição da sexualidade, a inibição que faz a fantasia. Toca a versão compulsiva que a sexualidade pode ter. Isso facilita também o prazer, o prazer que o ser humano tira do exercício da sua sexualidade. E ele gosta disso. E há, nesse ponto, diferenças: há pessoas que gostam mais do que outras. Mas, enfim, se cada um fica satisfeito com a sua dose, não estamos ali para fazê-lo transar mais ou transar menos e sim para que faça isso da forma que é conveniente para ele. E, além disso, parece que, entre as mulheres, limpar um pouco de sua sexualidade fantasmática e sua sobrecarga fálica permite que elas cedam ao que Lacan chama de gozo suplementar. Isso a experiência analítica mostra.

Uma pequena correção: falando de sexualidade facilitada, não quer dizer que a análise leve a uma sexualidade puramente biológica, orgânica, que através da análise se chegue a uma sexualidade completamente cortada da linguagem. Diria até mesmo o contrário. Ao contrário, os objetos que suscitam o desejo nem por isso serão quaisquer e as condições de satisfação também não vão ser quaisquer. Mas vai haver mais elasticidade, maleabilidade possível. Vai haver uma dimensão menos limitada, menos compulsiva, da repetição fantasmática inconsciente.

Para concluir, podemos dizer da sexualidade o mesmo que Lacan diz da cura: a cura é um acréscimo, um a mais. O que não quer dizer que sejamos indiferentes à cura. Mas a cura é uma consequência da elaboração analítica, a consequência da modificação de um sujeito feita pela análise. A facilitação da sexualidade de um sujeito feita pela análise é feita como um elemento a mais, e isso a experiência analítica demonstra. O paciente pode nos falar, no início, de um sintoma sexual: ejaculação precoce ou impotência nos homens, ou frigidez e discordância sexual nos homens e mulheres. Muitas vezes os pacientes constatam isso, mas não têm muita coisa a dizer sobre isso e muitas vezes ficamos sabendo por uma certa frase do paciente que esse sintoma sexual desapareceu há muito tempo. Realmente, esse é um lado de algo a mais na análise.

Eu agradeço a vocês.

Tradução: Dominique Fingermann

Revisão: Ana Laura Prates Pacheco

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1913) Duas mentiras contadas por crianças. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1958). A Direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1960). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

Resumo

Nessas conferências, realizadas por Marc Strauss em 2006, a convite do FCL-SP, no âmbito do Seminário chamado “O corpo sexuado do *parlêtre*”, o autor expõe a relação do sujeito com as dimensões imaginária, simbólica e real do corpo, pela via da diferença sexual humana que se inscreve necessariamente pela passagem pelo significante fálico. O autor comenta o caso clínico de Freud “Duas mentiras contadas por crianças” (1913) para mostrar a relação da sexualidade com a fantasia fundamental, bem como um caso clínico de Lacan apresentado no texto “A Direção do tratamento e os princípios de seu poder” (1958) para mostrar a atualização sob transferência da realidade sexual inconsciente. Analisa também as fórmulas do desejo masculino e feminino apresentadas por Lacan no texto “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’” (1960) e compara-as com as fórmulas da sexuação escritas por Lacan no *Seminário 20: Encore* (1972-73). Conclui que a análise toca a parte da sexualidade aparelhada pelo significante e, assim, como acréscimo à cura analítica, ocorre uma facilitação da sexualidade, agora menos limitada à repetição fantasmática inconsciente.

Palavras-chave

corpo sexuado, *parlêtre*, fantasia fundamental, realidade sexual inconsciente, fórmulas da sexuação.

Abstract

This article presents two conferences given by Marc Strauss, as guest of the FCL-SP's "The sexed body of the *parlêtre*" seminar, that happened in 2006. Herein, the author exposes the relations of the subject with the imaginary, the symbolic and the real dimensions of the body, through the human sexual difference, which is necessarily inscribed by the phallic significant. The author comments Freud's (1913) article "Infantile mental life: Two lies told by children", showing the relationship between sexuality and the fundamental fantasy, and Lacan's "The direction of the treatment and the principles of its power" (1958), where he points out the actualization under transference of the unconscious sexual reality. The author also compares Lacan's formulas of masculine and feminine desire, presented in "Remark on the Report by Daniel Lagache: 'Psychoanalysis and the structure of personality' (1960) with those appearing in Lacan's 20th seminar, "Encore" (1972-1973). As a conclusion, Marc Strauss states that analysis touches the part of sexuality that is related to the significant apparatus and, thus, as an increase to the analytical cure, there happens a facilitation of sexuality, less limited, then, to the unconscious phantasmatic repetition.

Key-words

the sexed body, *parlêtre*, fundamental fantasy, unconscious, sexual reality, formulas of sexuation